

A photograph of three dancers in white clothing against a grey background. One dancer is lying on the floor in the foreground, looking towards the camera. Two other dancers are standing behind her, one looking upwards and the other looking towards the camera.

Companhia Nacional de Bailado

Forsythe / McNicol Balanchine

Workwithinwork
Upstream
Stravinsky Violin Concerto

Orquestra Sinfónica Portuguesa
José Eduardo Gomes
Direção musical

20 FEV — 02 MAR

Teatro Camões

Lisboa, Teatro Camões

FEVEREIRO

Dias 20, 21, 26, 27 e 28 às 20:00

Dias 22 às 18:30

Dias 23 às 16:00

Ensaio Geral Solidário

Dia 11 às 20:00

Fundação GIMM – Gulbenkian Institute for
Molecular Medicine

MARÇO

Dia 01 às 18:30

Dia 02 às 16:00

Vamos Falar de Dança

Conversa Pré-Espetáculo

Dia 22 FEV às 17h

Convidados: a anunciar

Moderadora: Cristina Peres

No Final Falamos

Conversa Pós-Espetáculo

Dia 23 FEV após o final do espetáculo

Convidados: bailarinos e bailarinas da CNB

Duração 1h50 min. c/ 2 intervalos

M/6

Companhia Nacional de Bailado

Forsythe / McNicol Balanchine

20 FEV – 02 MAR

Teatro Camões

Workwithinwork
Upstream
Stravinsky Violin Concerto

William Forsythe
Andrew McNicol
George Balanchine

2024/2025 Fernando Duarte Direção artística

“Os coreógrafos devem ser capazes de aproveitar o que é importante — os aspetos do seu ofício artístico, que o situam na trajetória histórica do classicismo — e, ao mesmo tempo, recontextualizá-lo a um grau que tenha relevância contemporânea.”

William Forsythe (excerto de entrevista em "The Talks")

“Os públicos não podem ser treinados, é claro, apenas aconselhados — e, acima de tudo, aconselhados a ir ao ‘ballet’ e a continuar a ir. É o mais próximo que o espectador pode chegar do treino e estudo exigido a um bailarino, de forma a criar a performance que o irá cativar.”

George Balanchine

(Prefácio – *Balanchine's complete stories of the great ballets*, 1977)

Caras e caros espectadores,

A revisitação de grandes obras do repertório universal não só não é inédita no percurso da Companhia Nacional de Bailado, como não deixará de ser reforçada no futuro, de forma a proporcionar sempre a presença da grande Dança no nosso teatro e para os nossos públicos.

O primeiro programa de 2025 da nossa Companhia, no Teatro Camões, oferece três perspectivas distintas sobre o mesmo horizonte classicista. Apresentamos três bailados que corporificam o que habitualmente é entendido como um programa de obras 'neoclássicas'. Mais do que aprofundar o debate sobre a ideia do que é, de facto e atualmente, um bailado neoclássico, importa antes salientar como é extraordinária a capacidade regeneradora da técnica da dança clássica ao longo dos últimos séculos. As obras de William Forsythe, de Andrew McNicol e de George Balanchine refletem essa mesma forma de permanente contemporaneidade do ballet, e aqui refiro-me não a um bailado em concreto, mas ao termo e conceito utilizado pelos três coreógrafos (por via da semântica da língua inglesa) e definido nos diversos meios onde explicam uma das matérias das suas obras: uma forma bem delineada e uma expressão estética própria dentro do largo campo da performatividade em Dança (e ainda com tantos encadeamentos por descobrir).

Se muitos consideram Balanchine um dos pais do ballet concebido para além da lógica clássica dos grandes bailados narrativos, Forsythe não deixa de assumir o seu papel de singular e multifacetado herdeiro do genial coreógrafo russo, e assim se sucede com novas gerações de criadores, onde aqui se destaca McNicol com a sua subtil camada onírica.

A estreita ligação com a música é evidente na criação das três obras que hoje assistimos e a presença da Orquestra Sinfónica Portuguesa, neste programa com a violinista Alexis Hatch e a direção de orquestra de José Eduardo Gomes, celebra essa longa e prolífica relação entre as duas artes e celebra também a forte cumplicidade entre dois 'gigantes' do século passado - Stravinski e Balanchine - que tão bem se entenderam na magnitude dos seus ofícios artísticos. Bom exemplo, sem dúvida, é o icónico *Stravinsky Violin Concerto*, que finalmente tem a sua estreia em Portugal pela CNB, mais de 50 anos após a primeira apresentação pelo New York City Ballet.

Fernando Duarte

Director Artístico









Forsythe / McNicol Balanchine

A História do bailado clássico tem as suas origens no Renascimento italiano, mas é em França, sob o reinado de Luís XIV, que se desenvolve e consolida enquanto forma de arte independente. É também em França que surge a primeira escola de dança, a Académie Royale de Danse em 1661 e mais tarde, já no século XIX, surgem as primeiras sapatilhas de pontas, que contribuíram para o desenvolvimento de uma técnica própria a partir da base da dança clássica. Ao longo dos tempos, a técnica de dança clássica tem sido desenvolvida e transformada, influenciando e sendo influenciada por diversas culturas e estilos artísticos. Em Forsythe/McNicol/Balanchine, apresentamos três coreógrafos distintos no estilo, mas unidos pela base dessa mesma técnica.

A *Workwithinwork* de William Forsythe e *Upstream* de Andrew McNicol, apresentados na temporada 2023/2024, juntamos *Stravinsky Violin Concerto*, de George Balanchine, que entra pela primeira vez no repertório da CNB.

Através destas obras, podemos contemplar a evolução da técnica de dança clássica ao longo do século XX e início do século XXI e compreender como esta é uma forma de arte viva, orgânica e em constante questionamento.

Workwithinwork

William Forsythe

Coreografia, Cenografia e Desenho de luz

Luciano Berio *Duetti para 2 violines Vol. 1 (1979-83)*

Música

Stephen Galoway

Figurinos

Tanja Rühl

Supervisão de cena e luz

Niels Lanz

Supervisão de som

Noah Gelber, Allison Brown

Remontagem coreográfica

Freek Damen, Peggy Konik

Ensaiaadores

Paula Marinho

Mestra de costura

Atelier de costura CNB

Confeção de guarda-roupa

Bailarinos e bailarinas da CNB

Interpretação

Companhia Nacional de Bailado

Produção

Duração 30 min.

Frankfurt, Alemanha, Ballet de Frankfurt, Ópera de Frankfurt, 16 de outubro de 1998

Estreia absoluta

Lisboa, Teatro Nacional de São Carlos, 14 de março de 2024

Estreia na CNB

Workwithinwork parte de uma sucessão de duetos que emergem de encontros impessoais, mas simultaneamente apaixonantes. Do fundo da cena escura, os bailarinos emergem como um reflexo da imaginação criativa de uma mente anónima.

Criando uma atmosfera sóbria e austera, esta peça oferece uma visão detalhada e musical sobre extrapolações aparentemente infinitas da técnica de dança clássica, libertando os bailarinos da sua lógica convencional. Uma visão a que Forsythe já nos habituou sem nunca deixar de nos surpreender.

Elenco



Upstream

Andrew McNicol

Coreografia

Peter Gregson

Música

Helena de Medeiros

Figurinos

Yaron Abulafia

Cenografia e Desenho de luz

Tom Colin

Ensaiaador

Paula Marinho

Mestra de costura

Atelier de costura CNB

Confeção de guarda-roupa

Bailarinos e bailarinas da CNB

Interpretação

Companhia Nacional de Bailado

Produção

Duração 25 min.

Lisboa, Teatro Nacional de São Carlos, 14 de março de 2024

Estreia absoluta

Criado para a CNB em 2023, *Upstream* é um bailado abstrato com uma ligação profunda entre movimento e música que concebe, num jogo cúmplice entre música, coreografia, espaço cénico e figurinos, um ambiente poético e enigmático que nos conduz a narrativas imaginárias. Muito embora a dança clássica esteja na base de trabalho do coreógrafo, McNicol imprime uma contemporaneidade nas suas obras, que é criada a partir da inspiração que os corpos dos intérpretes lhe oferecem.

Inspirado pela beleza de Lisboa e do rio Tejo, McNicol concebe um ambiente sensível e poético naquela que é a sua primeira criação para a Companhia Nacional de Bailado.

Elenco





Stravinsky Violin Concerto

George Balanchine

Coreografia

Igor Stravinski

Música

Mark Stanley

Desenho de luz

Maria Calegari, Bart Cook

Remontagem coreográfica

Barbora Hruskova, Filipe Macedo, Rui Alexandre

Ensaiaadores

Paula Marinho

Mestra de costura

Atelier de costura CNB

Confeção de guarda-roupa

Bailarinos e bailarinas da CNB

Interpretação

Companhia Nacional de Bailado

Produção

Alexis Hatch

Violino

Orquestra Sinfónica Portuguesa

José Eduardo Gomes

Direção musical

Em 1941, Balanchine coreografou *Balustrade* para o Ballet Russe, ao som de *Concerto para Violino em Ré*, de Stravinski. Três décadas depois volta a esta mesma partitura, mas sem conseguir lembrar-se da coreografia original. Este evento conduz à criação de toda uma nova obra, que segue de forma fiel a partitura: uma abertura, *Toccata*, e um final, *Capriccio*, encerram duas *Árias* centrais, que formam *pas-de-deux* contrastantes para dois casais.

George Balanchine é um dos grandes nomes da dança do século XX. A sua visão contribuiu para o desenvolvimento da técnica de dança clássica, sendo pioneiro do estilo Neoclássico. Destaca-se pela sua abordagem mais abstrata e menos narrativa da dança e uma ligação inequívoca à música, que se traduz, nas suas próprias palavras, em “ver a música, ouvir a dança”. A sua obra e visão são uma base inspiradora para a criação artística da dança desde a segunda metade do século XX até aos dias de hoje, continuando a influenciar bailarinos, coreógrafos, autores e o público.

Duração 23 min.

Elenco

Nova Iorque, EUA, New York City Ballet, Stravinsky Festival, New York State Theatre, 18 de junho de 1972

Estreia absoluta

©The George Balanchine Trust



Stravinsky Violin Concerto, Patrícia Main, Tiago Amaral, Mar Escoda



Stravinsky Violin Concerto, Filipa de Castro, Frederico Gameiro, Francisco Morais, Nuno Fernandes



©Julian Gabriel Richter

William Forsythe

William Forsythe (1949) tem estado ativo no campo da coreografia há mais de 50 anos. O seu trabalho é reconhecido por reorientar a prática do ballet da sua identificação com o repertório clássico para uma forma de arte dinâmica do século XXI. Forsythe dançou com o Joffrey Ballet e mais tarde com o Stuttgart Ballet, onde foi nomeado coreógrafo residente em 1976. Em 1984, iniciou um mandato de 20 anos como diretor do Ballet Frankfurt, após o qual fundou e dirigiu The Forsythe Company até 2015.

O profundo interesse de Forsythe pelos princípios fundamentais de organização da coreografia levou-o a produzir uma vasta gama de projetos, incluindo instalações, filmes e criação de conhecimento baseado na Internet. Enquanto o seu trabalho para o palco reside no repertório de grupos de todo o mundo, as suas instalações são apresentadas internacionalmente em exposições e museus. Forsythe foi galardoado com numerosos prémios, incluindo o Leão de Ouro da Bienal de Veneza e o Prémio de Teatro Alemão Der Faust, ambos por realizações ao longo da vida.

Luciano Berio

Fotografia gentilmente cedida por Universal Edition A.G., Wien)



Luciano Berio nasceu em Oneglia, na Ligúria (Itália), em 1925. Foi com o seu pai e avô, ambos compositores, que Berio deu os primeiros passos na música. A partir de 1945 passou a frequentar o Conservatório Giuseppe Verdi, em Milão, estudando composição com Giulio Cesare Paribeni e Giorgio Federico Ghedini, bem como direção de orquestra com Carlo Maria Giulini e Antonino Votto. Em 1952 frequentou os cursos de Luigi Dallapiccola em Tanglewood, EUA.

A partir do início dos anos cinquenta, Berio afirmou-se como um expoente da nova geração da vanguarda musical. Este período assistiu à composição de *Cinque Variazioni* (1952-53), *Chamber Music* (1953), *Nones* (1954) e *Serenata* (1957). Em dezembro de 1954, Berio e Maderna criaram o primeiro estúdio italiano de música eletrónica na sede da RAI de Milão, inaugurado no ano seguinte como Studio di Fonologia Musicale.

O concerto não foi o único género tradicional que Berio reelaborou; abordou também o quarteto de cordas *Quartetto*, 1956; *Sincronie*, 1964; *Notturmo*, 1993; *Glosse*, 1997 e até o piano, um instrumento que submeteu a novos critérios formais e expressivos numa série de obras.

Nas suas várias fases criativas, o compositor procurou invariavelmente relacionar a música com outros campos do conhecimento: poesia, teatro, linguística, antropologia e arquitetura. O seu interesse pelas múltiplas expressões da musicalidade humana levou-o a regressar diversas vezes ao repertório de tradição oral.

Andrew McNicol

©Yellowbelly



Explorou o vasto património da música ocidental nas suas adaptações de Monteverdi, Bach, Boccherini, Mozart, Schubert, Brahms, Mahler, Puccini, entre outros. O teatro musical constituiu um foco fundamental para a pesquisa e a poética de Berio. Após as primeiras obras para o palco nos anos cinquenta e sessenta, concebeu a sua primeira ação musical organizada em três atos com textos que ele próprio escreveu.

O compromisso de Berio com a música estendeu-se a outras atividades, incluindo a direção, a conceção de séries de concertos e a promoção da música contemporânea. Lecionou em prestigiadas instituições musicais e académicas na Europa e nos EUA (Darmstadt, Dartington, Tanglewood, Mills College, Juilliard School, Universidade de Harvard). De 1974 a 1980 dirigiu o departamento de electroacústica do IRCAM, Paris, e em 1987 fundou o Centro Tempo Reale em Florença. Recebeu numerosos prémios internacionais, como Prémio Siemens, Prémio Wolf Foundation, Leone d'Oro alla Carriera, Bienal de Veneza, Prémio Imperial das Artes, Japão e quatro títulos honorários: da City University de Londres e das Universidades de Siena, Turim e Bolonha. A partir de 2000, foi Presidente da Accademia di Santa Cecilia em Roma, onde, sob a sua direção, foi inaugurado em 2002 o novo Auditorium Parco della Musica.

Luciano Berio morreu em Roma a 27 de maio de 2003.

Andrew McNicol é um coreógrafo freelancer do Reino Unido e diretor artístico fundador da McNicol Ballet Collective. É conhecido como “um homem numa missão. Um dos jovens coreógrafos mais talentosos do Reino Unido, e já com um grande portfólio de êxitos”. (Deborah Weiss, *Backtrack*, 2023). Andrew tem coreografado internacionalmente, incluindo para o Joffrey Ballet (Chicago), Royal Ballet (Londres), Royal Ballet of Flanders (Bélgica), BalletX (Filadélfia), duas vezes para o New York Choreographic Institute (Nova Iorque), Tulsa Ballet (Oklahoma), Companhia Nacional de Bailado (2024), Jacob’s Pillow (EUA), Junior Ballet Antwerp (Bélgica), bem como para a Royal Ballet School e English National Ballet School (atualmente Artista Associado), entre outras. O trabalho de McNicol destaca-se pela sua beleza poética e profunda ligação entre movimento e música. A sua capacidade de misturar o vocabulário de ballet clássico da sua formação com uma sensibilidade moderna, resulta em obras que exalam uma fisicalidade emocional e inventividade. Com base nas relações humanas, McNicol dá novos impulsos a obras narrativas e musicais, com o objetivo de retratar a experiência humana. Em 2021 lançou a sua própria companhia, McNicol Ballet Collective, para criar novos trabalhos baseados em ballet com uma coleção de artistas internacionais, “um projeto ousado de McNicol... que claro, só aumenta o entusiasmo”. (Teresa Guerreiro, *Culture Whisper*). Mais recentemente, a McNicol Ballet Collective apresentou *Devotions*, *Three Modern Ballets* em 2023, com aclamação crítica no Linbury Theatre, Royal Opera House, e em todo o Reino Unido. “A sua dança, e os seus bailarinos, vêm carregados de talento artístico.” (David Mead, *Seeing Dance*, 2023).



@Paul Husband

Peter Gregson

Peter Gregson é um compositor, violoncelista, produtor e artista de gravação de renome de Londres. A sua música é regularmente procurada pelos mais estimulantes coreógrafos e companhias de dança do mundo, incluindo recentemente o Theatrehaus Stuttgart/Gauthier Dance, o Joffrey Ballet, o PA Ballet, o Dutch National Ballet e o Ballet BC. Entre os seus créditos cinematográficos, destacam-se *Blackbird* de Roger Michell, com Kate Winslet e Susan Sarandon e *A Little Chaos* do falecido Alan Rickman, bem como a banda sonora do popular jogo de vídeo *Boundless*, aclamado pela crítica. A sua música foi incluída em algumas das séries de televisão mais populares - desde o êxito da Netflix *Bridgeton* a *The New Pope* da HBO e, mais recentemente, o documentário da Netflix *WACO*. Marcas como Balenciaga, Burberry, Dior, Ralph Lauren, Pat McGrath, Delta, Nike e Ford apresentaram a música de Gregson em campanhas recentes, anúncios televisivos e desfiles de moda.

Como violoncelista, atuou em todo o mundo, desde o Royal Albert Hall em Londres a um clube de jazz em Pequim, desde a Elbphilharmonie em Hamburgo aos Capitol Studios em Hollywood. É também um compositor e violoncelista de referência para alguns dos maiores nomes da música popular, incluindo Ed Sheeran, U2 e Rag 'N' Bone Man, para citar alguns. É um prolífico artista de gravação, com o seu último trabalho completo *Quartets 1-4* lançado no inverno de 2022. É um colaborador regular das campanhas clássicas contemporâneas da DSP, como o "Dia Mundial do Sono" e conteúdos relacionados com o Natal.

George Balanchine



©Tanaquil Le Clercq

Nasceu em São Petersburgo, em 1904, formou-se e integrou o Teatro Mariinsky. Aos vinte anos abandonou definitivamente a Rússia. Iniciou a sua carreira nos Ballets Russes de Diaghilev, reconhecida como brilhante e influente companhia do séc. XX. *Apollo* (1928) e *Filho Pródigo* (1929), coreografados para esta companhia, são ainda hoje grandes obras de referência, dançadas por diversas companhias de repertório no mundo inteiro. Após a morte do empresário, e uma curta digressão, fixou-se nos Estados Unidos da América. Aí colaborou em filmes, na Broadway, e fundou uma escola, base sustentadora do futuro New York City Ballet. Foi para esta companhia que Balanchine criou a maioria das suas peças, construindo um corpo inigualável de obras primas como *Divertimento nº15* (1956), *Agon* (1957), *Liebeslieder Walzer* (1960) *Jewels* (1967), *Sinfonia em 3 Andamentos* e *Concerto para Violino* (1972), *Who Cares?* (1970), *Le Tableau de Couperin* (1975), *Vienna Waltzes* (1977) e *Mozartiana* (1980). Estas vieram juntar-se ao grupo de coreografias criadas antes do New York City Ballet, *Serenade* (1934), *Concerto Barocco* (1941), *Quatro Temperamentos*, *Tema e Variações* (1947), *Sinfonia de Bizet* (1947), para formar um opus gigante, marcado pela perfeita compreensão musical e uma inesgotável invenção em todos os registos da dança clássica.



Igor Stravinski

Nascido em Oranienbaum, em 1882, Igor Fedorovitch Stravinski ocupa um lugar único no mundo da criação de música para bailado, ultrapassando o de Tchaikovski (com quem tem sido frequentemente comparado). O interesse de Stravinski pelo bailado começou muito cedo e acompanhou-o até à sua morte, em 1971. Foi Diaghilev quem descobriu todo o potencial coreográfico da sua música, ao ouvir *Scherzo Fantástico* e *Fogos de Artificio* num concerto em São Petersburgo, em 1909. Já radicado nos Estados Unidos da América, o compositor manteve uma estreita colaboração com Balanchine, que conheceu quando este trabalhava com Diaghilev.

Para bailado, Stravinski compôs, expressamente, as partituras de *O Pássaro de Fogo*, e *Petruchka* (Fokine, 1910 e 1911), *A Sagração da Primavera* (Nijinski, 1913), *O Canto do Rouxinol* e *Pulcinella* (Massine, 1920), *As Bodas* (Nijinska, 1923), *Apollon Musagète* (Bolm, 1928), *Jeu de Cartes*, *Orfeu* e *Agon* (Balanchine, 1937, 1948 e 1957) e *Scènes de Ballet* (Dolin, 1944). A propósito da substância russa que impregna a obra de Stravinski, sobretudo no período dos Ballets Russes, refira-se Debussy quando, em 1915, escrevia ao autor da Sagração: "Caro Stravinski, você é um grande artista. Seja, empenhadamente, um grande artista russo. É tão belo ser-se do seu próprio país, estar ligado à terra como o mais humilde dos camponeses."

Alexis Hatch



©Tanaquil Le Clercq

Nascida em Los Angeles, Califórnia, Alexis Hatch tem uma carreira musical diversificada que abrange solo, música de câmara e orquestra. Com dupla nacionalidade, dos Estados Unidos e de Espanha, começou a tocar violino aos três anos de idade, com o seu pai Peter Hatch (antigo aluno de Juilliard School, discípulo de Ivan Galamias e Tibor Varga). Alexis estudou com Zakhar Bron na Escola Superior de Música Reina Sofía em Madrid, e Glenn Dicterow na Universidade da Califórnia do Sul em Los Angeles. Aos dez anos, Alexis estreou-se a solo com a Orquestra Sinfónica de Alicante (Espanha). Quatro anos mais tarde, foi apresentada na Televisão Nacional de Espanha (RTVE) na série *Jóvenes Solistas*. Ao ganhar o primeiro prémio no Concurso Internacional de Violino CullerArts em 2022, Alexis atuou como solista com a Orquestra de Valencia, a Orquestra de Extremadura, a Orquestra Filarmónica de Castilla La Mancha e, mais recentemente, a Orquestra de Santa Cecília no Auditório Nacional de Madrid. Em 2023, foi convidada a realizar um recital de estreia no Palau de la Música de Barcelona. Alexis é uma das artistas fundadoras do Festival Internacional de Música Clásica de Villanueva de los Infantes, Espanha. O seu trio de piano, Schumann de Enagás, realizou dois recitais no Auditorio Nacional de Madrid e, em 2023, ganhou o prémio de Most Outstanding Chamber Music Group, atribuído por Sua Majestade a Rainha Sofia de Espanha na Escuela Reina Sofia. Atualmente, é membro do Dúo Amadeus formado com o pianista Emin Kiourktchian. Juntos, ganharam o segundo prémio no Concurso Internacional de Música de Câmara Antón Garcia, em abril de 2023, e são beneficiários da digressão da série de concertos AIE: Clásicos en Ruta em Espanha, que terá lugar na temporada artística de 2024-2025. Desde novembro de 2023, Alexis é concertino da Orquestra Sinfónica Portuguesa. Anteriormente, foi concertino da American Youth Symphony, de 2017 a 2021.



Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e da participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as Sinfonias n.º 1, 3, 5 e 6 de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing Borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralinho. No cargo de maestro titular seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirulli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

I Violinos

Pavel Arefiev
Leonid Bykov
Laurentio Ivan-Coca
Hasmik Duarte
Margareta Sandros
Jorge Gonçalves
Luís Santos
Anabela Guerreiro

II Violinos

Rui Guerreiro
Nariné Dellalian
Carmélia Silva
Kamélia Dimitrova
Slawomir Sadlowski
Maria Bykova
Katarina Majewska
Inna Rechetnikova

Violas

Pedro Muñoz
Ceciliu Isfan
Cecile Pays
Ventzislav Grigorov
Sandra Moura
Isabel Pereira

Violoncelos

Hilary Alper
Carolina Matos
João Matos
Gueorgui Dimitrov

Contrabaixos

Duncan Fox
Anita Hinkiva
João Diogo Duarte
Maria Delmar*

Flautas

Anabela Malarranha
Natália Monteiro*
Rui Matos
(Flauta + Piccolo)

Oboés

Luís Pérez
Raquel Martins*
Elizabeth Kicks

Clarinetes

Joaquim Ribeiro
Jorge Trindade
João Pedro Santos*

Fagotes

Carolina Carreira
Pedro Ribeiro*
Joana Maia

Trompas

Paulo Guerreiro
Augusto Rodrigues
Laurent Rossi
Carlos Rosado

Trompetes

Jorge Almeida
Pedro Monteiro
Pedro Gonçalves

Trombones

Jarret Butler
Hugo Assunção
Pedro Maia*

Tuba

Ilídio Massacote

Tímpanos

Elizabeth Davis

*Reforços



©Vitorino Coragem

José Eduardo Gomes

Direção musical

José Eduardo Gomes foi recentemente laureado com o 1.º prémio no European Union Conducting Competition, tendo ganho igualmente o Prémio Beethoven no mesmo concurso. É Professor na Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalha com as várias orquestras.

Foi maestro titular da Orquestra Clássica do Centro, maestro associado da Orquestra Clássica do Sul, maestro titular da Orquestra Clássica da FEUP, professor na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo (ESMAE), maestro titular do Coro do Círculo Português de Ópera e maestro principal da Orquestra de Câmara de Carouge (Suíça). Iniciou os estudos de clarinete em V. N. Famalicão, sua cidade natal, na Banda de Música de Famalicão. Prosseguiu-os na ARTAVE e na ESMAE, onde se formou na classe de António Saiote, tendo recebido o Prémio Fundação Eng.º António de Almeida.

Mais tarde, frequentou a Haute École de Musique de Genève (Suíça), estudando direcção de orquestra com Laurent Gay e direcção coral com Celso Antunes. José Eduardo Gomes é membro fundador do Quarteto Vintage e do Serenade Ensemble. Foi laureado em diversos concursos, destacando-se o Prémio Jovens Músicos (categorias de clarinete e música de câmara) e o Concurso Internacional de Clarinete de Montroy (Valência).

É igualmente laureado com o Prémio Jovens Músicos, na categoria de direcção de orquestra, onde recebeu também o prémio da orquestra.

Nos últimos anos, tem sido convidado para trabalhar com as principais orquestras portuguesas, atuando nos mais destacados festivais de música portuguesa com solistas como Maria João Pires, Diemut Poppen, Sebastian Klinger, Bruno Giuranna, Artur Pizarro, Natalia Pegarkova, Adriana Ferreira, entre outros. Na temporada 2023/24, teve concertos em Portugal, França, Bulgária e Hungria. Participou em produções de óperas como *Don Giovanni* e *Così fan tutte* (Mozart), *Lo Speciale* (Haydn), *La Donna di Genio Volubile* (Marcos de Portugal), e *Os Noivos* (Francisco de Noronha). Recentemente foi diretor musical da nova produção da Companhia Nacional de Bailado, *Alice no País das Maravilhas*, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Foi igualmente diretor musical da ópera *Blimunda*, de A. Corghi com libreto de José Saramago, numa nova produção do Teatro Nacional de São Carlos, assim como da nova produção da ópera *Trilogia das Barcas* de Joly Braga Santos. Outra parte importante do seu trabalho é dedicada a orquestras de jovens, um pouco por todo o país. É diretor artístico da JOF — Jovem Orquestra de Famalicão. Em 2018 foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pela Cidade de V. N. Famalicão.

Workwithinwork

Por Roslyn Sulcas

Desde os momentos iniciais de **workwithinwork** - a cortina ergue-se sobre um homem que curva os braços para cima enquanto o seu corpo se afasta, o movimento rapidamente retomado pelos bailarinos atrás dele - um fluxo quase incessante de movimento ganha vida própria, uma corrente de remoinhos e refluxos que parece moldar as trajetórias dos que estão em palco à sua vontade, regida pelos ritmos assombrosos dos *Duetti* para dois violinos, vol. 1 (1979-83) de Luciano Berio. Com uma atmosfera simples e austera, o bailado oferece uma representação musical detalhada de extrapolações aparentemente infinitas da técnica clássica, ao mesmo tempo que liberta os bailarinos da sua lógica convencional. Como muitas conversas diferentes possíveis, uma sucessão de belos duetos - desde um encontro combativo entre dois homens no início da obra, rodeando-se um com o outro num atletismo nervoso, até um terno *pas de deux* em que uma mulher é arrastada pelo ar em *arabesque* com uma inevitabilidade lenta e escultural - forma o coração da peça. Enquadrados por um emergir de conjuntos maiores, estes encontros são impessoais, mas apaixonados, um encontro de potencialidade física, movimento que surge como se tivesse sido talhado do ar. Fundindo-se e saindo da escuridão no fundo do palco, os seus agrupamentos mudam com uma certeza ca-leidoscópica.

Upstream

Por Andrew McNicol / Março 2024

Upstream explora o ímpeto com que os corpos humanos fluem no seu caminho em direção à sua origem. É uma viagem às profundezas do eu superior, tanto sozinho como em grupo, atraído pela turbulência e pelo esforço de resistir à sua atração. A fluidez do corpo reflete a sua fragilidade e serenidade, com a sua força e compostura.

A peça tem como pano de fundo os mundos não revelados do mundo subaquático. O tempo é moldado pela influência das vibrações e das ondas. O misterioso submundo reflete o mundo que conhecemos, convidando à contemplação e ao questionamento sobre a condição humana e os lugares interiores dos indivíduos em movimento.

Os reflexos são usados como um elemento-chave do design, não só para representar um ambiente fisicamente imersivo, mas, mais essencialmente, para fornecer uma imagem do fluxo emocional que circula dentro de corpo. Cada movimento da peça oferece uma paisagem, energia e musicalidade distintas. Os cinco movimentos são sequenciados numa disposição não narrativa, convidando os espectadores a viajar ao lado dos bailarinos à medida que estes se movem em direção à sua própria fonte.



Stravinsky

Violin Concerto

Por José Sasportes / 4 Fev. 2025

O **Concerto para violino** (1931) de Stravinsky foi estreado como bailado de Balanchine a 18 de Junho de 1972 no primeiro espectáculo de *The Stravinsky Festival of New York City Ballet* promovido por Balanchine e Lincoln Kirstein, um ano após a morte do compositor. De 18 a 25 de Junho, todos os dias com um novo programa, foram ouvidas 35 obras do compositor, coreografadas não só por Balanchine, mas também por Jerome Robbins, John Taras, John Clifford, Richard Tanner, Todd Bolender, Lorca Massine, e, a concluir no quinto espectáculo, *Pulcinella* de Balanchine e Robbins, que na estreia, coisa rara, também dançaram. Quando saiu da Rússia, Balanchine estava a preparar uma sua versão de *Pulcinella*, que só nesta ocasião, passados 48 anos, se veio a concretizar. Este Festival celebrou o compositor e evidenciou a singular amizade e cumplicidade artística de Balanchine e Stravinsky, iniciada em 1925 quando Balanchine, então com 21 anos, coreografou para os Ballets Russes *A canção do Rouxinol*, peça que também agora foi ouvida, com coreografia de John Taras. *A Sinfonia dos Salmos*, dirigida por Robert Craft, terminou o Festival e foi escutada pelos bailarinos do NYCB sentados no chão do palco, atrás do coro e ao lado de Balanchine, que ficou de pé. Todos os detalhes e coincidências aqui referidos constituíram um ritual à la russe, com um código que apenas os protagonistas podiam bem entender, mas que solenizavam o Festival. Logo a abrir, na primeira noite, Balanchine e Kirstein subiram ao palco, e dirigindo-se ao público, beberam um copo de vodka à saúde do falecido homenageado, conforme disseram.

Em 1982, novo festival para assinalar o centenário do nascimento de Stravinsky. Nova saudação com vodka. Um ano depois, Balanchine morreria aos 79 anos, depois de mais de quatrocentos bailados, vítima do que se verificou ser a chamada doença das vacas loucas.

Depois de escaparem da União Soviética em 1921, Balanchine e um pequeno grupo de bailarinos foram acolhidos por Diaghilev e integrados nos Ballets Russes (1909-1929). Balanchine só voltaria à Rússia em 1962 numa tournée do NYCB. Balanchine trazia alguma experiên-

cia e uma familiaridade com as vanguardas artísticas, sendo logo contratado como bailarino e coreógrafo, e veio a assinar nove peças nos quatro anos que ali trabalhou, para além de danças para as produções da Ópera de Monte Carlo, onde a companhia tinha nessa altura a sua sede. Dois bailados sobreviveram até hoje no repertório do NYCB: *Apollon Musagète* (1928) e *O Filho Pródigo* (1929). Um tem música de Stravinsky, o outro de Prokofieff.

Considerando quanto os dois vieram a realizar, Balanchine fez 27 bailados com música de Stravinsky, poderá ser lido como um sinal do destino que a primeira coreografia deste jovem desconhecido para os Ballets Russes fosse sobre uma partitura de Stravinsky, já então famosíssimo autor de *O Pássaro de Fogo* (1910), de *Petrushka* (1911) e de *A Sagração da Primavera* (1913). Considerando a diferença de idades e de estatuto, nem tudo terá sido fácil neste primeiro encontro. Recorde-se que os coreógrafos, para efeitos de direitos de autor, não eram sequer considerados, cabendo as devidas somas ao compositor e a um eventual autor de uma trama a ser dançada. O entendimento acabou por chegar e foi frutuoso, como se sabe, para ambas as partes, consolidando-se a partir da estreia de *Apollon Musagète*. Balanchine escreveu que o encontro com a música de Stravinsky foi essencial para a definição das suas futuras opções artísticas:

Tal como Tchaikovsky, Stravinsky era um grande trabalhador. Seguiu sempre um plano muito meticuloso. E isto é muito importante. É o que explica os excelentes resultados alcançados por Stravinsky. Hoje, quando penso nele, bem percebo como ele seguia uma linha recta, enquanto eu muitas vezes me perdia. Desejava fazer ora uma coisa, ora outra completamente diferente, nem carne nem peixe. [in Stravinsky in the Theatre, 1949]

Mais tarde, quando ambos estavam já exilados nos Estados Unidos, e se instalou um respeito mútuo, (foram co-autores, dirá Robert Craft), além de uma sólida amizade, Stravinsky proferiu uma declaração de estima recíproca sobre as competências musicais de Balanchine:

A coreografia, tal como eu a concebo, tem de atingir a sua própria forma, independente da forma musical, embora conformando-se aos seus tempos. Deve ser construída com base nas correspondências que o coreógrafo possa encontrar, mas não deve limitar-se a duplicar a linha e o pulsar da música. Não imagino como que se possa ser coreógrafo se não se é primeiro um músico, como Balanchine. [in Stravinsky and Robert Craft, Memories and commentaries, 1960].



Stravinsky *Violin Concerto*, Inés Ferrer, Tatiana Grenkova

Com referência a um universo musical completamente diferente, o compositor Iannis Xenakis partilha esta opinião a propósito do bailado *Metastasis and Pithoprakta*, que Balanchine fez sobre a sua obra (1968), opondo o seu modo de trabalhar ao de Béjart:

Balanchine, um dos grandes nomes da coreografia contemporânea, fez um bailado sobre Metastasis e Pithoprakta, não deixou de ter a minha música em consideração, pois é um homem profundamente musical, mas não foi em nada uma tradução. Fiquei encantado ao ver uma coexistência pacífica (pacífica quer dizer também contradição) entre a música e a dança. Aqui uma coisa. Ali outra. Aqui uma entidade, ali outra; e às vezes encontro e correspondência... Mas é mais difícil, é a um outro nível. [entrevista a Xenakis in *Musique en Jeu*, n.1, 1970].

Em 1933, Balanchine aceitou o convite de Lincoln Kirstein para criar uma escola e uma companhia em New York, de onde, anos mais tarde, viria a sair o New York City Ballet (NYCB). Em 1937, um dos primeiros programas do American Ballet foi um Festival Stravinsky composto por três peças: *Apollon Musagète*, *Baiser de la Fée*, e *The Card game*, obra encomendada por Balanchine.

Em 1941, Balanchine coreografou o seu primeiro bailado com música de Stravinsky não escrita para a dança, *Balustrade*, sobre este *Concerto para violino* que agora ouviremos. Teve vida curta, pois tal foi a do Original Ballet Russe a que fora destinado. Quando em 1972 Balanchine voltou a trabalhar sobre o *Concerto*, fez um bailado inteiramente novo, pois disse já nada se lembrar do espectáculo original, que tinha cenário e figurinos, um tanto exorbitantes, de Tchelichev. Era um ambiente em nada correspondente à fase actual da produção de Balanchine. Stravinsky, porém, registou que muito lhe tinha agradado.

A partir da criação do New York City Ballet em 1946, as obras de Stravinsky passaram regularmente a ser ouvidas, incluindo algumas das últimas composições, que não foram escritas expressamente para dança.

O Concerto foi composto em 1931 e o bailado estreado em 1972. Nestes quarenta anos, as obras de Stravinsky e Balanchine passaram pelas mais variadas metamorfoses, mas quando postas em cena pelo NYCB dir-se-ia que nunca se perderam de vista, de tal modo música e dança sempre se corresponderam, se complementaram. Neste concerto dançado, a genealogia está próxima e nasce em *Agon* (1957), uma encomenda da companhia. Neste *Concerto* dançado podem detectar-se tensões idênticas às que se vêem em *Agon*, como sejam a sensualidade dos *pas de deux*, a exigência extrema na actuação dos bailarinos, as liberdades irreverentes com o vocabulário clássico, o fluir constante de uma energia, bem como o rigor e o fervor da escrita coreográfica.

Em 1933, Stravinsky compôs um *Duo Concertante* para piano e violino que Balanchine coreografou para o Festival em 1972 e que constitui um elo desta mesma genealogia. Os dois instrumentistas presentes em cena estão a tocar, uma bailarina e um bailarino aproximam-se, curiosos, e começam a improvisar ao sabor da música. No *Concerto* tem-se, por vezes, a mesma ilusão de improvisação, de tal modo as imagens parecem espontâneas e nos são propostas pelos bailarinos como se florescessem no momento em que as estamos a ver, sem deixar de corresponder a uma geometria exacta, em diálogo de igual para igual com a música, no espírito que Stravinsky e Xenakis tinham já elogiado. Balanchine faz a sua composição musical. Não há cópia, nem tradução, a cada momento, há uma dupla geração de sentido. É evidente o gosto dos bailarinos no que estão a executar, e é oferecido ao espectador o prazer único de seguir esta aventura do processo de criação artística ao mais alto nível que se desenrola à frente dos seus olhos/ouvidos.

Bom espectáculo.

O autor não escreve segundo o acordo ortográfico.

Companhia Nacional de Bailado

Direção Artística

Fernando Duarte

Bailarinos Principais

Ana Lacerda
Alexandre Fernandes
Carlos Pinillos
Filipa de Castro
Inês Amaral
Mário Franco
Miguel Ramalho

Bailarinos Solistas

Francisco Sebastião *
Francisco Gomes
Irina de Oliveira
Isabel Galriça
João Costa
Lourenço Ferreira
Luís d'Albergaria
Miyu Matsui
Paulina Santos
Tatiana Grenkova

Bailarinos Corifeus

África Sobrino
Almudena Maldonado *
Andreia Mota
Andreia Pinho
Annabelle Barnes
Anyah Siddall
Catarina Grilo
Frederico Gameiro
Gonçalo Andrade
Henriett Ventura
Inês de Serra E. Moura
Inês Ferrer
Katarina Gajic
Leonor de Jesus
Maria João Pinto
Maria Santos
Nuno Fernandes
Patrícia Main
Raquel Fidalgo
Tiago Amaral
Xavier Carmo

Corpo de baile

Aeden Pittendreigh*
Barbara Brigatti
Beatriz Williamson*
Bernardo Costa
Carla Pereira
Christian Schwarm
Diogo Bettencourt
Dylan Waddell
Elsa Madeira
Emily Stewart
Emma Sicília
Filipa Pinhão
Francisco Couto
Francisco Morais
Frederico Loureiro
João Pedro Freitas
Jorge Palacios
Joshua Earl
Luca Driesang
Mar Escoda
Margarida Pimenta
Maria Barroso
Maria Girardin
Mariana Ferreira
Marina Figueiredo
Martim Ribeiro
Michelle Luterbach
Miguel Esteves *
Nanae Yagisawa
Nikolay Iossifov
Paolo Ciofini
Ren Yamada
Ruxandra Popa
Silvia Santos
Susana Matos

Mestres de Bailado

Barbora Hruskova
Freek Damen
Peggy Konik
Tom Colin

Ensaaiador

Rui Alexandre

Professor

Filipe Macedo

Coordenação Artística

Executiva
Filipa Rola

Coordenação Musical

Filipe Tordo

Professor Convidados

Aymeric Mosselmans
Nicolas Robillard

Pianistas Convidados

Nuno Feist**
Pronobis

Direção de Produção

Margarida Mendes *Direção*
Carla Almeida
Bruno Silva
Inês Amaral
Marta Sobreira

Setor de Costura

Paula Marinho *Chefe de setor*
Ana Sofia Fernandes
Conceição Santos
Diogo Santos
Helena Marques

Direção Técnica

Cristina Piedade *Direção*

Setor de Maquinaria

Vitor Osorio *Chefe de setor*
Marco Jardim
João Martins
Sérgio Torres

Setor de Som e Audiovisuais

Bruno Gonçalves
Chefe de setor
Frederico Pereira
Paulo Fernandes

Setor de Iluminação

Pedro Mendes *Chefe de setor*
Daniel Morais
Frederico Albuquerque
Paulo Godinho

Direção de Cena

Henrique Andrade *Direção*
Ricardo Limão

Conservação de Guarda-roupa

Carla Cruz *Chefe de setor*
Cristina Fernandes

Gabinete de Comunicação e Marketing

Pedro Mascarenhas
Coordenação
Maria Teixeira

Vídeo e Arquivo Digital

Marco Arantes

Osteopata

Luís Malaquias

OPART – ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, E.P.E.

Conselho de Administração

Conceição Amaral *Presidente*
Rui Morais *Vogal*
Sofia Meneses *Vogal*

Gabinete de Apoio ao Conselho de Administração

Ana Fonseca
Anabela Tavares
Catarina Paulino
Fernanda Rodrigues
Inês Faro
Tânia Alves

Serviço Educativo e de Pedagogia

Jorge Rodrigues
Pedro Teixeira da Silva

Direção Financeira e Administrativa

Marco Prezado *Direção*

Setor Financeiro

Fátima Ramos *Chefe de setor*
Rute Gato
Raquel Mergulhão

Setor de Aquisições

Edna Narciso *Chefe de setor*
Marta Gamito

Setor de Limpeza

Maria Teresa Gonçalves
Encarregada
Maria de Lurdes Moura
Maria do Céu Cardoso
Maria Isabel Sousa

Setor de Expediente e Economato

Anabel Segura

Setor de Bilheteira

Laura Barbeiro
Luísa Lourenço
Rita Martins

Direção de Recursos Humanos

Pedro Quaresma *Direção*
Jéssica Santos
Sofia Teopisto
Vânia Guerreiro
Zulmira Mendes

Direção de Comunicação e Marketing

Sara Gil *Direção*

Direção de Manutenção

Vítor José *Direção*
Artur Raposo
Carlos Pires
João Eusébio
Miguel Cardoso
Nuno Cassiano
Nuno Estevão
Susana Santos
Rui Ivo Cruz
Rui Rodrigues

Gabinete de Informática

Márcio Carez
Pedro Penedo

* Licença sem vencimento

** Prestação de serviços



Upstream, Tatiana Grenkova

Informações ao público

Não é permitida a entrada na sala enquanto o espetáculo está a decorrer (DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro);

É expressamente proibido filmar, fotografar ou gravar durante os espetáculos;

É proibido fumar e comer/beber dentro da sala de espetáculos;

Não se esqueça de, antes de entrar no auditório, desligar o seu telemóvel;

Os menores de 3 anos não podem assistir ao espetáculo nos termos do DL n.º 23/2014, de 14 de fevereiro; O programa pode ser alterado por motivos imprevistos.

Espetáculo M/6

Duração: 1h50 min.

C/ 2 intervalos de 20m

Ficha Técnica Editorial

Coordenação

Pedro Mascarenhas

Edição e Revisão

Maria Santos

Pedro Mascarenhas

Textos

Andrew McNicol

José Sasportes

Roslyn Sulcas

Fotografia de Capa

Filipa Cavaco

Fotografias Espetáculo (2024) de Ensaio (2025)

Hugo David

Design Gráfico

The Other Studio

Impressão

Lidergraf

Tiragem

3000 exemplares

Fevereiro 2025



@cnbportugal



Companhia Nacional de Bailado



Parceiro Institucional



Parceiro de Comunicação



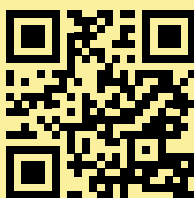
Apoio à Comunicação



Projeto de requalificação do Teatro Camões



Conheça a programação
completa em **cnb.pt**



Bilhetes à Venda BOL.PT e locais habituais

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

CN **B** COMPANHIA
NACIONAL
DE TEATRO